

Futebol: contribuição da Copa do Mundo para transformações culturais de diferentes povos

Maria Carolina Bottura

RESUMO:

O futebol moderno se disseminou pelo mundo e se firmou como um esporte para o qual convergem multidões de admiradores e praticantes de lugares e culturas distintas. Sua linguagem típica e códigos de ética e conduta lastreados em regras idênticas e aceitas universalmente possibilitam a interação de pessoas e grupos de pessoas independentemente de posição geográfica, formação escolar, níveis social e econômico, religiões e outros signos identitários. Se há dúvidas quanto à sua condição de transnacional, globalizante, intercultural ou hibridizante, a certeza é que se trata de um elemento que polariza, agrega, mescla e entrecruza culturas sem aniquilar aquilo que é próprio de cada uma.

Palavras-chaves: cultura, identidade, diversidade

Football: World Cup contribution for cultural transformations of different people

ABSTRACT:

The modern football spread around the world and has established itself as a sport for which converge crowds of admirers and practitioners of different places and cultures. His typical language and codes of ethics and conduct ensured by the same rules and accepted universally enable interaction of people and groups of people regardless of geographic location, educational background, social and economic levels, religions and other signs of identity. If there is doubt about their status as transnational, global, intercultural or hybridizing, the certainty is that it

is an element that polarizes, aggregates, intersect and mix cultures without destroying what belongs to each one.

Keywords: culture, identity, diversity

Até que ponto se pode considerar a Copa do Mundo de futebol como uma oportunidade de inúmeras culturas se encontrarem em um mesmo país e conviverem, durante 23 dias, malgrado suas distintas identidades e diferenças? Mais que isso, o que dizer da sede deste evento, a África do Sul, um país multiétnico e multilíngue? Poder-se-ia dizer que o futebol é um esporte globalizado¹?

Certamente tratam-se, estas, de questões que, juntas por ocasião do torneio mundial de futebol de 2010, trouxeram à tona várias possibilidades de enfoques do ponto de vista dos Estudos Culturais, que é o que se pretende abordar neste artigo, sem, porém, esgotar um tema que oferece vasto material para estudo.

Primeiro, falemos da África do Sul, país-sede da última Copa do Mundo cuja história é plena de material para estudos culturais: parte do continente africano, o chamado “berço da humanidade”, de onde a raça humana teria dado seu primeiro passo para então se difundir pelo mundo, ela abriga uma população que carrega consigo a ancestralidade dos nativos cujas línguas tribais se mesclam ao inglês e ao francês emprestados via colonização pela Inglaterra e a Holanda, com alguns traços, ainda, de alemão, português e grego.

Também as religiões praticadas no país apresentam farta diversidade e em alguns casos o sincretismo religioso entrelaça até mais de duas crenças tradicionais. Trata-se, portanto, de uma fusão de variados espectros aquilo a que se pode atribuir parte da cultura sul-africana, que se apresenta dentro do que se entende por hibridação.

Sem dúvida, é apropriado falar de *sincretismo* para referir-se à combinação de práticas religiosas tradicionais. A intensificação das

¹ 2 Possivelmente a globalização cultural é a forma mais visível e efetiva da globalização, correlacionando-se com seu conceito gêmeo de segurança cultural. CONVERSI, Daniele. **Americanization and the planetary spread of ethnic conflict: The globalization trap.** <www.planetagora.org/english/teme4_suj2_note.html>. Acesso em 05/11/2012.

migrações, assim como a difusão transcontinental de crenças e rituais no século passado acentuaram essas hibridações e, às vezes, aumentaram a tolerância com relação a elas, a ponto de que em países como Brasil, Cuba, Haiti e Estados Unidos tornou-se frequente a dupla ou tripla pertença religiosa; por exemplo, ser católico e participar também de um culto afro-americano ou de uma cerimônia *new age* (CANCLINI, 2001, p. XXIII).

Agora, algumas pinceladas sobre o futebol, um dos esportes cuja difusão se deu com tamanha intensidade que atualmente é tido como aquele que mais reúne em torno de si diferentes povos e nações. Suas regras são as mesmas no mundo todo e há competições entre equipes de diferentes países que se formam também com jogadores de diferentes nacionalidades e, como na Copa, competições de equipes formadas por jogadores naturais dos países que representam ou estrangeiros naturalizados.

No Brasil e em outras partes do mundo, há times formados na hora do jogo, que se realiza até em campo improvisado, e também clubes oficiais de futebol em cidades, além, claro, da Seleção Brasileira, o time que representa o país em competições internacionais e mundiais. Ao longo do tempo, há times de cidades que se projetaram além dos limites territoriais de seus municípios e ganharam torcidas em níveis estaduais e nacional. Isso para não falar dos times e torneios estrangeiros, que a televisão e o rádio se encarregam de trazer para dentro de quaisquer casas em quaisquer lugares.

Ressalte-se que o Brasil é considerado mundialmente como “o país do futebol” e em geral as crianças, notadamente os meninos, crescem “com uma bola nos pés”, como é comum se dizer em terras brasileiras. Provavelmente por um traço cultural que vê nesta modalidade de esporte uma atividade masculina porque em seu início apenas os homens o praticavam, modernamente as mulheres, aos poucos, estão mostrando ao mundo que, sim, elas também podem fazê-lo e o praticam como *hobby*, mas vão além, profissionalizando-se como diretoras de clubes de futebol, técnicas ou treinadoras, jogadoras, comentaristas na mídia e árbitras.

Trazido da Inglaterra, no Brasil o futebol se entranhou tanto na vida dos cidadãos que não é difícil encontrar quem pense que se trata de um esporte genuinamente brasileiro, quando na verdade é uma tradição emprestada da Inglaterra, um costume não brasileiro que entrou definitivamente para as manifestações culturais do Brasil. Trata-se, portanto, de um exemplo bem típico

das influências que diferentes culturas exercem umas sobre as outras, provocando transformações mútuas sem que nenhuma perca suas tradições.

Assistindo a uma Copa do Mundo não há como não enxergar a multiplicidade de identidades e as diferenças que se apresentam não nas competições e nos jogadores em si, mas principalmente nas torcidas dos países participantes. A começar pela abertura oficial da Copa da África do Sul, pode-se afirmar que foi uma apresentação de recortes da cultura sul-africana, evidentemente que com o merecido destaque para os dois principais expoentes da luta pelo fim da segregação racial que vigorou por muito tempo no país: Nelson Mandela e Desmond Tutu, ambos detentores do Prêmio Nobel da Paz por sua dedicação incansável ao fim do *apartheid*.

Vencido o regime de segregação, ou *apartheid*, que vigorou até 1961 e impunha direitos e deveres específicos para brancos e negros (na verdade, aos negros mais deveres que direitos, como é comum em regimes de segregação, em que uma raça, nacionalidade, credo ou qualquer outro indicador de uma dada cultura é sobrepujado até violentamente por outra, que se proclama superior), a África do Sul passou a viver o preconceito velado e a enfrentar o difícil caminho da aproximação entre brancos e negros.

Em função disso, no espetáculo de abertura dos jogos foi com uma inicial surpresa e posterior compreensão que muitos espectadores, ouvintes e leitores da mídia em geral constataram nas falas de alguns sul-africanos que o fim do *apartheid* foi motivo de imensa alegria, mas sediar a Copa do Mundo de 2010, para a África do Sul, foi mais que isso, uma vez que naquela data apenas os negros festejaram enquanto os brancos em geral lamentaram e naquele momento, por meio do esporte, brancos e negros sul-africanos festejavam juntos, estavam unidos por uma causa comum: todos queriam sua nação vencedora na competição esportiva e colhendo bons frutos econômicos e financeiros pelo grande afluxo de torcedores de todo o mundo e por sua exposição mundial.

Daí advém um indício claro de que mesmo multifacetada a África do Sul vai pouco a pouco mesclando harmoniosamente as diferenças e fazendo vicejar uma identidade menos calcada em lutas raciais. Há atualmente uma propensão para que a cultura sul-africana em geral suavize os traços que limitam uma e

outra raça, uma e outra religião, uma e outra classe social, ainda que haja muitas arestas a serem aparadas.

O futebol, por sua vez, vai cumprindo seu papel de negócio que transita entre várias culturas e as mistura em equipes que buscam um bom resultado, um bom placar, um bom espetáculo. A palavra negócio, acima, não é apenas uma força de expressão: de esporte amador praticado para exibição ou *hobby* a uma atividade de cunho econômico, que faz circular vultosas cifras no mercado mundial, foi uma questão de algumas décadas.

Hoje, jogadores são comprados e vendidos em transações entre clubes de grande parte do mundo e as competições ainda guardam certa aura de espetáculos, porém, mais e mais seu objetivo econômico vai se tornando maior e priorizando o capital que se pode auferir a cada partida por meio de entradas vendidas ao público, patrocínios de empresas, verbas de entidades ligadas ao esporte, contratos com empresas da mídia que realizam sua transmissão, venda de uniformes, bandeiras dos clubes e vários *souvenirs*.

Da mesma maneira, paulatinamente o futebol foi estendendo suas fronteiras, ou melhor, amalgamando fronteiras, apagando os limites territoriais de cidades, nações e continentes até transformar-se em esporte global. O ritmo da transformação foi ditado pela rapidez com que a tecnologia evoluiu, facilitando a interconexão de lugares, o trânsito e a comunicação de pessoas estejam elas onde estiverem.

Não é à toa que na abertura dos jogos da Copa de 2010 a África do Sul, anfitriã que a partir daquele momento até o jogo final, em 03 de julho de 2010, era alvo da atenção de milhões de espectadores, ouvintes e leitores de todo o mundo e o espaço em que cidadãos de inúmeros países se encontravam, procurasse mostrar também sua rica cultura, além de dois de seus heróis modernos que viabilizaram o fim do regime de segregação racial.

Também não foi à toa que tal demonstração se fez mediante muitos de seus ritmos musicais num *show* de que participaram também estrelas da música mundial. Foi esta a maneira de o país abrir as portas ao mundo: por meio do futebol e se identificando, assumindo suas diferenças e respeitando as demais, cantando, dançando e até mostrando suas variadas crenças antes e durante os jogos de que participou como time ou apenas como torcida.

Na abertura e durante o evento, nós, brasileiros, não raro nos vimos em algumas das manifestações dos sul-africanos. Em sua música, na dança gingada, na hospitalidade, na demonstração de fé e na sua alegria apareciam claramente nossas raízes africanas. No entanto, porque a mundialização é radicalmente plural, nunca fomos tão diferentes (NOGUEIRA, 2007, p. A2.).

Ao participarmos como competidores ou espectadores da Copa do Mundo, ao nos encontrarmos em um evento com regras aceitas mundialmente e reconhecermos as influências do futebol em nós, estaríamos cedendo nossa cultura a uma globalização? Haveria uma cultura global em que um dos fatores globalizantes seja este esporte? A resposta é não:

A sociedade mundial em constituição não tem propriamente uma cultura global a ela vinculada, sobretudo se pensarmos nisso como esmagamento das distintas culturas locais, regionais ou nacionais. É verdade que, impulsionada pela dinâmica global, uma espécie de “cultura McWorld” infiltra-se nos mais distintos arranjos sócio-culturais, ávida pela conformação de um monolítico “povo” de consumidores (*Ibidem*, p. A2).

Por mais que o futebol nos aproxime e tenhamos ao nosso alcance hábitos, costumes e comportamentos de outros povos, por mais que tudo isso possa se mesclar em determinadas ocasiões, não há que se falar em uma cultura homogeneizada.

Mais que multicultural, nosso mundo é fruto e palco de um cruzamento de culturas: é intercultural. No final de tudo, tem-se mais consciência das diferenças, maior aceitação daquilo que distingue uns dos outros, maior respeito pela especificidade de cada um e, ao mesmo tempo, maior integração. A miséria, a desigualdade e a opressão persistem, mas não sem tensões e contradições (*Ibidem*, p. A2).

É verdade que se pode, sim, falar em “economia globalizada”, e quanto a isso é pacífico o entendimento de que a globalização começou há muito tempo, desde os intercâmbios entre sociedades instaurados a partir do domínio da navegação. Não havendo como separar a economia da cultura dos povos, o que ocorre é que naquilo que se passou a chamar de mundo globalizado várias culturas interagem. Isso, porém, não significa que uma cultura se aniquila em detrimento de outra, mas sim que elas se entrelaçam sem perderem seus significados e valores próprios.

Este entrelaçamento, este encontro de culturas, evidentemente tem seus impactos que resultam em transformações, mas estas, antes de homogeneizá-las ou igualá-las, as leva a buscarem o que de verdadeiramente seu as diferencia, de forma a resguardar suas próprias identidades.

A globalização é a razão do ressurgimento de identidades culturais locais em várias partes do mundo... Nacionalismos locais brotam como uma resposta a tendências globalizantes, à medida que o domínio dos estados nacionais mais antigos enfraquece... A globalização pressiona também para os lados. Cria novas zonas econômicas e culturais dentro e através das nações (GUIDDENS, 2002, p. 23).

Isso realmente se vê em uma Copa do Mundo. A África do Sul, como já se disse aqui, procurou se apresentar no *show* de abertura do evento de 2010 com aquilo que a identifica como um país que se diferencia dos demais por meio de sua música, e neste ponto é importante ressaltar que mostrou diferentes ritmos musicais existentes em seu próprio território e em outros países da África e de outros continentes.

Comprovando que limites geográficos que separam nações não separam completamente suas culturas porque elas se entrelaçam nas fronteiras, o grupo musical Tinariwen, do norte do Mali, apresentou seus arranjos com o sotaque dos muçulmanos tuaregues; como alguns dos integrantes da banda chegaram a ser recrutados pelo exército líbio de Muammar Kaddafi, absorveram parte da batida musical típica da Líbia e, misturando-a à batida de seu próprio país e a influências do *rock* americano, foram alçados à categoria de banda musical africana que se insere na *word music* local.

Estaríamos com isso dizendo que há aí um traço forte e demonstrativo de hibridação? Há, nisso, enfim, uma prova de que a cultura africana tem características de cultura híbrida? A hibridação funde estruturas ou práticas discretas para gerar novas estruturas e novas práticas. Mas como se dá tal fusão?

Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico (CANCLINI, 2001, p. XXII).

Enfim, e para terminar, diga-se que não só a África do Sul é marcadamente um país em que a interculturalidade pode ser nitidamente percebida como um fenômeno de dentro para fora e de fora para dentro, o que é, por assim dizer, algo bem próprio dos tempos pós-colonização e se manifesta em todo o mundo.

Diga-se, ainda, que o futebol foi absorvido por diversas culturas, transformando-se em um de seus elementos, e que a Copa do Mundo é um evento que traz à mostra a força da mundialização, ou mesmo da globalização, em levar para dentro da casa de milhões de pessoas de diferentes lugares algo que a princípio era típico de apenas um ou poucos. Algo que tem regras imutáveis seja em que lugar e com a participação de quantas nações se capacitarem a competir e a assistir.

Com isso, a penetração deste esporte em diferentes culturas está se intensificando ao ponto de ele ser considerado modernamente como o esporte das multidões, o mais popular de todos, aquele que é capaz de reunir pessoas de origens díspares e localidades tão diversificadas quantas pode conter o mundo, sendo levado a elas e por elas por meio dos avanços tecnológicos nos transportes e nas comunicações.

Chamá-lo de um esporte globalizado ou mundializado, transnacional, internacional, tanto faz. O fato é que ele se estende a culturas tão diferentes quanto numerosas e é um elemento de transformações culturais e sociais por ser agregador de camadas sociais de todos os matizes e de todos os lugares.

O futebol, que nem é o esporte mais praticado na África do Sul, perdendo para o rúgbi herdado pelos sul-africanos de seus colonizadores ingleses, tem feito soar as tradicionais vuvuzelas que se disseminaram naquele país mais intensamente a partir de 1990, data da queda definitiva do regime de segregação racial que violentamente impunha leis restritivas de direitos e de cidadania aos negros sul-africanos.

Na Copa do Mundo de 2010, seleções de futebol de outros países, notadamente os não africanos, tentaram se insurgir contra o som ensurdecidor das vuvuzelas tocadas nas cidades sul-africanas em geral e em especial naquelas em que ocorreram os jogos. No entanto, entidades envolvidas com a organização e realização do evento vetaram sua proibição com a justificativa de

que elas fazem parte das tradições do povo sul-africano e o que é um costume em um lugar tem que ser respeitado e aceito pelos outros que para ali se dirigem.

Assim, a vuvuzela, um instrumento de som rudimentar que traz uma marca identitária e cultural da Copa da África do Sul, foi adotada como um artefato de uso comum por culturas diferentes que se encontraram ali. Independente de estarem assistindo ou não aos jogos e de onde estivessem, se próximos dos estádios e das concentrações das seleções, aqui, ali ou em ruas daquele país, fato é que cidadãos de virtualmente todo o mundo fizeram seu som anunciar, bem alto, que mais transformações culturais estão em gestação e, a elas, outras continuarão se seguindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Canclini, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2001.

Guiddens, Anthony. *Mundo em Descontrole*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 2. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record. 2002.

Marco Aurélio Nogueira. Mundialização plural e identidade. *O Estado de S. Paulo*. 24 de março de 2007, p. A.2.

Silva, Tomaz Tadeu da (org.). Hall, Stuart, Woodward, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.